

MAUS-TRATOS NA MITOLOGIA GREGA

Trabalho de Mestrado: Vitimização da Criança e do Adolescente

2007

Mónica Sofia Costa

Licenciada em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA). Mestre em Vitimização da Criança e do Adolescente, pela Faculdade de

Medicina de Lisboa, Portugal

monica.sofi.costa@gmail.com

RESUMO

O presente estudo procura reflectir sobre a temática dos Maus-tratos infantis ao longo das histórias da Mitologia Grega. Procurando pensar e indagar sobre o tema da agressividade e violência no seio da família e de que forma estes laços se mantêm e se repetem ao longo das gerações. Qual será afinal o papel do clínico e de que forma poderá ajudar a quebrar este ciclo de violência transgeracional?

Palavras-chave: Maus-tratos infantis, mitologia grega, violência intra-familiar.

“A família é o palco de uma tragédia da qual, vencedores ou vencidos, dominadores ou dominados, assassinos ou vítimas, todos nós somos actores, protagonistas. O espectáculo que é representado é o de uma guerra, guerra interna, pessoal, ou guerra que os indivíduos movem entre si. Amor de morte é o título da peça que estamos condenados a representar indefinidamente.”¹

INTRODUÇÃO

Desde sempre que as narrativas bíblicas, os mitos gregos e as tragédias nos avisam, que a história da família primitiva é violenta. Nela encontramos inúmeras histórias que revelam a rivalidade, a sexualidade, o assassinio, o incesto, o ciúme e a devoração. Podemos mesmo dizer

¹ Danziger, C. (2002). Violência das Famílias – Mal de Amor. Climepsi Editores. P.13.

que, que os vínculos de sangue ou vínculos de parentesco são muitas vezes ligações perigosas, na medida em que estes mitos nos falam de uma parte do ser humano mais arcaica e crua, submetida à violência das pulsões instintivas, quer agressivas, quer sexuais, que sem freio e sem lei que as limita emergem, dilacerando a realidade, produzindo o caos, causando a morte.

Estes mitos não estão assim, tão afastados de nós se pensarmos na ambivalência dos nossos sentimentos, nas pulsões que nos dividem, na falta de comunicação entre partes nossas, nos desejos perturbados que não queremos reconhecer. É nesta imensa bruma que reside a violência nas famílias, os maus-tratos que se repetem como num ciclo vicioso que parece não ter fim. Muitas vezes também, verificamos na prática clínica que os conflitos têm uma função, que invariavelmente, passa por fazer juntar e permitir existir os seus elementos. Esta incongruência reside dentro destas famílias porque de outra forma não sabem, não conseguem sentir-se, pensar-se como fazendo parte de um todo familiar.

“A VIOLÊNCIA ORIGINAL”

Mitos Teogónicos²

Os Gregos, tal como os outros povos, sentiram necessidade de explicar o mundo. Para tal partiram de um pressuposto que pensavam ser um princípio motor no seio do ser humano, acreditavam descobri-lo no amor.

Noite e Érebo, são duas faces das trevas do mundo. Estas duas entidades coexistem no seio do caos, do vazio. Mas pouco a pouco, separam-se e a noite torna-se oca e fica uma esfera. Desta esfera separam-se duas metades, como o desabrochar de um ovo e ocorre o nascimento de Eros, o Deus do Amor. O Céu a Terra (Úrano e Geia) possuem uma realidade material. O Amor é uma força da natureza espiritual e é ele que assegura a coesão universal nascente.

O Céu (Urano) e a Terra (Geia) unem-se e da sua união começam a surgir as gerações divinas. Nasceram seis Titãs (desuses do sexo masculino) e seis Titânides (deusas do sexo feminino). Os Titãs são: Oceano, Céu, Crio, Hiperión, Jápeto e Crono. As Titânides são: Tia, Reia, Témis, Mnemósine, Febe e Tétis. Oceano, o filho mais velho dos Titãs é “casado” com Tétis, a filha mais jovem das Titânides que personifica a força feminina do Mar. Na mitologia Grega toda a fecundidade é dupla, “só uma potência feminina pode amadurecer e atrair o sémen do macho”³.

De todos os Titãs, o mais importante para o desenvolvimento da história do mundo foi Crono, o mais jovem dos Titãs. Que gerou os Olímpicos.

² São narrativas que dizem respeito à criação do mundo e ao nascimento dos deuses.

³ Grimal, P. (2005). A Mitologia Grega. Publicações Europa-América. Coleção Saber. P.34.

Da união de Úrano e Geia também nasceram os Ciclopes, são eles: Arges, Esteropes e Brontes e ainda os monstros com cem braços, os Hecatonquiros: Coto, Briareu e Gies. No entanto estas crianças causavam horror a Úrano, e este não lhes permitia que vissem a luz e obrigava-os a permanecer nas profundezas da terra. Geia, não concordava com esta medida tão atroz e quis libertá-los, para isso conspirou contra Úrano. Mas só um dos filhos aceitou ajudá-la na sua “traição” a Úrano, o filho mais jovem dos Titãs, Crono. E quando à noite, Geia e Úrano estavam envolvidos, Crono com um golpe da sua foice, corta os testículos a seu pai e lança-os para longe. Crono castra o pai e destrona-o para acabar com a escravatura a que seus irmãos estavam submetidos.

Muitas vezes, o fenómeno do mau trato repete-se ao longo das gerações. E quando Crono assumiu as rédeas do poder, torna-se violento, pois transportava consigo o horror e a maldição do seu crime, tornando-se mais tarde também ele, filicida.

Geia, sua mãe tinha-lhe predito que um dia, também ele seria destronado por um dos seus filhos. Assim, Crono devorava todos os filhos que a Titânide Reia, sua esposa gerava. Foi assim, que gerou e sucessivamente devorou três filhas: Héstitia, Deméter e Hera; e dois filhos: Hades e Posídon. Mas sua esposa Reia, deu à luz um terceiro filho, Zeus e quando este filho mais novo estava prestes a nascer, Reia quis evitar que tivesse o mesmo fim dos irmãos e fugiu secretamente com o filho e contou com a cumplicidade de Geia, que lhe ajudou a encontrar asilo em Creta, onde esta deu à luz o pequeno Zeus. Depois do parto, e para que Crono não desconfiasse, deu-lhe uma pedra envolvida em faixas, com um aspecto de criança e ofereceu-a a Crono que devorou aquilo que tomava como filho, salvando assim a vida a Zeus. Zeus cresceu e sonhou que um dia ele destronaria o pai Crono. O Oráculo de Geia iria cumprir-se e assim que Zeus se tornou adulto, consegue dar um veneno a seu pai Crono, sem que este desconfiasse, que o faz vomitar todas as criancinhas que anteriormente tinha devorado. Zeus encontrando assim os irmãos, declarou guerra a Crono. Os Titãs, seus irmãos tomaram o seu partido. A guerra durou dez anos até ao dia em que Geia revela a Zeus que obteria a vitória se chamasse em seu auxílio os monstros que Crono mantinha encerrados no Tártaro. Foi assim que os filhos de Crono chefiados por Zeus conseguem derrotar o pai e Zeus expulsa Crono, precipitando-o nos abismos das profundezas.

O essencial das lendas teogónicas consiste numa série de substituições, em que cada geração sucede pela violência, à que a tinha precedido pelo poder sobre o mundo. E verifica-se, por duas vezes, que é o mais jovem dos deuses, que conquista o poder. Por um lado, surge Crono, o mais novo dos Titãs, e Zeus, o mais novo dos Crónidas. Parece existir uma ordem natural em que as coisas se sucedem tendo em vista a obtenção do poder por aquele que viverá mais tempo, porque é mais jovem.

Podemos também pensar na existência de uma luta de gerações, em que pai e filho representam um para o outro a morte. Assim, temos por um lado o pai, que mata o filho porque é mais velho e por temer que o filho lhe tome o seu lugar e por outro lado; o filho que quer matar o

pai porque sente que este o quer impedir de viver, por senti-lo velho e por temer ficar velho e mortal como ele.

Segundo Danziger⁴, a luta mais importante e geradora de conflitos é aquela que “faz intervir o tempo, a luta de gerações, que se traduz menos por conflitos de interesses e por escolhas de identidade, como no caso dos fratricídios, do que por oposições ontológicas e por angústias existenciais”. Segundo o mesmo autor, existe na condição humana a necessidade fantasmática de controlar o tempo, “um tempo que nos foge de forma tão evidente, numa fuga para a frente que incessantemente nos opõe novas forças vivas prontas a empurrarem-nos para o túmulo”⁵. Assim, para Danziger, também quando os pais trazem os filhos ao mundo, existe simultaneamente o confronto com a finitude do pai, e a ilusão de uma perenidade no recomeçar. Quando os pais se deixam iludir por esta fantasia, de ter alguma coisa para dizer no decorrer da marcha do mundo de controlar o tempo e a realidade, são os filhos que sofrem o desapego ao princípio da realidade por parte dos pais, e sofrem as terríveis consequências: abuso do poder, tentativa de apropriação dos filhos para obterem uma segunda oportunidade de “serem pessoas”, para se realizarem através deles, ou pelo contrário de os impedir de se realizarem na sua individualidade, a fim de não serem por eles destronados. Não deixa de ser uma perspectiva muito curiosa, se pensarmos, em termos da psicopatologia destes pais que permitem que a sua onnipotência os embriague de forma tão perigosa.

Curiosamente vemos aqui, que mais uma vez, o parricídio surge como consequência de uma tentativa prévia de filicídio. Parece que estamos diante uma arena em que existem duas soluções ou matar ou deixar-se morrer por aquele que nos deu vida. Esta perspectiva não deixa de ser curiosa, se pensarmos em toda a dimensão de culpabilidade inerente, pelo acto em si e também pela fantasia do mesmo. Muitas vezes o fenómeno de mau-trato, repete-se ao longo de gerações, transportando um cunho da transgeracionalidade. Mais uma vez o desafecto, bem como a violência destes pais, é muitas vezes a tradução da repetição de um modelo relacional aprendido anteriormente, por identificação ao agressor. Assim, o fenómeno reproduz-se na geração seguinte, porque é o resultado de um processo de aprendizagem indirecta, por identificação ao modelo.

O Ciclo dos Olímpicos

Posídon, deus do mar, para se vingar de uma ofensa de Laomedonte, rei de Tróia, exige-lhe que amarre a um rochedo a filha, Hesíone, a fim de ser devorada pelos monstros marinhos. Laomedonte obedece sem contestação. Mas no momento em que o monstro está prestes a devorá-la, é salva por Hércules. Desta forma o Filicídio é evitado graças a uma intervenção exterior. É

⁴ Danziger, C. (2002). Violência das Famílias – Mal de Amor. Climepsi Editores. P. 46.

⁵ Danziger, C. (2002). Violência das Famílias – Mal de Amor. Climepsi Editores. P. 47.

interessante verificar o poder cedido ao oráculo, nestes mitos, como se o oráculo fosse uma espécie de voz interior, a voz das pulsões mais agressivas, que num registo paranóide entram em acção. Porque interiormente parece existir nestes pais a fantasia de que os seus filhos, os seus frutos e por isso também, partes suas são efectivamente maus. Esta projecção contempla a necessidade de fazer expelir para o exterior, neste caso para o filho, partes suas mais destrutivas. Hércules, aqui parece constituir o poder cedido à voz da razão, o princípio da realidade que de certa forma os limita, impedindo a concretização da fantasia de morte.

Também Príamo, outro filho de Laomedonte, depois de se tornar rei de Tróia, manda expor o filho Paris, porque um oráculo lhe havia profetizado que esse filho viria a ser a causa da destruição da cidade. Esta sucessão de tentativas de filicídios revela mais uma vez, a importância da transgeracionalidade e o poder destrutivo projectado nos filhos.

Ciclos Heróicos⁶

Podemos referir o exemplo da tragédia dos Atridas, que comporta uma sucessão de filicídios. Tântalo, rei da Frígia, degolou e cortou aos bocados seu filho Pélope, para o servir aos deuses que havia convidado para sua mesa. Mas quando estes tomaram conhecimento do crime atroz praticado por Tântalo, amaldiçoaram-no e devolveram a vida a Pélope. Anos mais tarde, Pélope casa com Hipodâmia e tem um grande número de filhos, entre estes os gémeos Atreu e Tiestes, que se tornam célebres pelo ódio intenso que os une. Atreu torna-se rei de Argos e de Micenas e aproveita-se da sua ascensão para mandar expulsar seu irmão-rival do reino. Entretanto toma conhecimento, que Tiestes havia seduzido sua mulher, Aeropa, e decide vingar-se de forma sanguinária. Manda matar e cortar aos bocados os filhos de Tiestes, que tinham continuado a viver no seu palácio e simula uma reconciliação com Tiestes, convidando-o para um banquete no seu palácio, durante o qual mandou servir as carnes dos filhos do irmão. No fim da refeição revela a Tiestes a terrível verdade, e expulsa-o para sempre do seu reino. Tiestes desolado jura vingança e um oráculo lhe revela que um dia seria vingado por um filho concebido pela sua própria filha, Pelópia. Acontece que para isso teria que violá-la durante o seu sono, sem se fazer reconhecer. No entanto Pelópia consegue defender-se e despojá-lo de sua espada. Mas ainda assim, dá à luz o filho de seu próprio pai, Egisto, que decide abandonar, por não conseguir suportar a verdade da sua concepção. Mais tarde, casa com o tio, o rei Atreu. Este sempre obcecado pelo ódio ao irmão, toma conhecimento da existência de Egisto e ordena-lhe que mate um prisioneiro, sem lhe revelar a verdadeira identidade do mesmo, seu pai, Tiestes. No entanto Tiestes consegue reconhecer a espada embainhada pelo filho Egisto, que outrora Pélope lhe havia arrancado e manda chamar a filha e confessa as verdadeiras circunstâncias em que ocorrera a sua

⁶ Estes ciclos constituem uma série de episódios ou histórias em que a sua unidade é fornecida pela identidade da personagem que é o herói. São narrativas diferentes dos mitos, uma vez que não possuem uma significação canónica.

violação anos antes. Após esta revelação, Pelópia crava um punhal no coração. Egisto percebe o atroz desígnio de seu Tio, recusa matar o pai e decide matar Atreu seu tio. Este história sanguinária que se arrasta durante gerações só terá seu fim anos mais tarde quando, Agamémnon, filho de Atreu, é informado pelo oráculo de que não pode fazer-se ao mar no porto de Áulis, onde a sua armada se encontra imobilizada, se não sacrificar a sua filha, Ifigénia, no alto altar da deusa Ártemis. Após algumas considerações a este respeito decide então levar a cabo o sacrifício de sua filha, de forma a conservar o comando do exército grego e poder seguir viagem rumo a Tróia. Ao ter conhecimento das intenções de seu pai, Ifigénia, ao contrário do que se esperava, não se revolta, consente o sacrifício e acata o desejo paterno. É salva pela deusa Ártemis, que coloca uma corça no seu lugar para ser sacrificada. Mais uma vez, existe uma força exterior que de certa forma faz justiça salvando aqueles que só cometeram um crime, o de terem nascido.

A sucessão de filicídios sanguinários, bem como a crueza dos próprios parecem revelar a necessidade do desfazer, como se só o acto de matar não bastasse, é preciso degolar, cortar aos bocados, para assim, não se assemelharem talvez aos próprios pais. Mais uma vez parece existir uma projecção daquilo que é mais difícil de digerir, de elaborar por estes pais. Esta descarga / projecção destas pulsões de morte, precisam de ser rapidamente evacuadas, precisam de um elemento que as contenha, que as possa receber. Aqui o imediatismo da acção precede o pensamento e a elaboração psíquica.

Existe ainda, uma componente nestas histórias que merece relevo, é a importância dada ao poder da refeição em família. Assim, quando Atreu convida Tiestes, para um banquete em que lhe serve as carnes dos seus filhos, está por assim dizer a emitir uma mensagem de amor, mas de um amor de devoração, tal como Crono que devorava todos os filhos, para os possuir. Segundo Danziger será “a partir deste amor (ou desta falta de amor) original, fusional e devorador que se vai fundar a família”⁷. E é muitas vezes nestas trocas de afecto à mesa que aparecem as suas (familiares) disfunções.

Também na história de Medeia, existe uma versão em que de facto Medeia por ciúmes de Jasão teria devorado os próprios filhos. Medeia é filha do rei Eetes, rei da Cólquida, e sobrinha da feiticeira Circe. Sua mãe é a deusa Hécade, patrona de todas as feiticeiras. Na literatura alexandrina e em Roma, Medeia tornou-se um protótipo da feiticeira⁸.

Numa versão posterior referida por Diodoro, Medeia aparece como uma princesa cheia de humanidade, que se opunha frontalmente à política do pai, que consistia em matar todos os estrangeiros que chegassem ao seu país. Irritado com a sua oposição, Eetes encarcerou-a numa prisão, da qual Medeia não tem qualquer dificuldade em fugir. Este episódio é contemporâneo ao desembarque dos Argonautas, na costa de Colcos. Medeia uniu imediatamente o seu destino ao dos Argonautas, fazendo Jasão prometer que a desposaria se ela lhe garantisse o sucesso da sua empresa e o tornasse senhor do Vale do Ouro. Jasão aceita o combinado e Medeia através dos

⁷ Danziger, C. (2002). *Violência das Famílias – Mal de Amor*. Climepsi Editores. P. 45.

⁸ Grimal, P. (2004). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Difusão Editorial, S.A. P.292-294.

seus conhecimentos sobre a região e os seus conhecimentos de feitiçaria ajuda Jasão a conquistar o Vale de Ouro. No entanto, o seu casamento não foi imediatamente celebrado na Cólquida. Foi adiado até fazerem escala no país de Alcínio e, de certo modo, imposto a Jasão e Medeia por Arete, a mulher do rei dos Feaces: Alcínio decidira efectivamente entregar Medeia aos enviados de Estes, que a reclamavam para a castigarem pelos seus crimes (para ajudar Jasão, Medeia não só traiu e abandonou seu pai, como ainda faz seu irmão, Apsirto de refém e mais tarde mata-o e despedaça-o, para atrasar a perseguição aos Argonautas), mas apenas se ela ainda fosse virgem. Arete preveniu secretamente Medeia da decisão do rei, e Jasão uniu-se-lhe, para a salvar na gruta de Mácris.

Uma outra versão mais tardia, refere que Jasão teria casado com Medeia na Cólquida, onde teria permanecido durante quatro anos, antes de realizar os feitos por que tinha vindo para o seu país. Mas na sequência de um trágico episódio que envolvia Medeia, o casal foi viver para Corinto, onde viveram algum tempo, até que o rei de Corinto, o rei Creonte quis dar a sua filha em casamento ao herói, Jasão. Baniu Medeia, mas ela consegue adiar a sua partida por mais um dia, que aproveitou para preparar a sua vingança. Embecendo em veneno uma túnica, adornos e jóias, fê-los chegar às mãos da feliz rival por intermédio dos filhos. Assim que a noiva os coloca foi imediatamente envolvida por um fogo misterioso, o mesmo aconteceu a seu pai, que viera socorrer-la. Entretanto, Medeia mata os seus próprios filhos no templo de Hera, e voou para Atenas, num carro com cavalos alados.

Um outro exemplo na mitologia grega, que não poderíamos deixar de referir, é a história de Édipo⁹. Laio, filho de Lábdaco, casou com Jocasta e tornou-se rei e senhor de Tebas. Mas vivendo amargurado porque Jocasta ainda não lhe tinha dado nenhum filho, foi em segredo consultar o Oráculo de Delfos, que lhe revelou que a sua aparente amargura era na realidade uma bênção, pois o filho que Jocasta gerasse, iria ser o seu assassino. Ao saber disto, Laio repeliu Jocasta, sem lhe dar a mínima explicação. Mas Jocasta furiosa, fá-lo beber até à embriaguez e mal cai a noite e atrai-o novamente para o seu leito. Decorridos nove meses, gerou finalmente um filho, Laio arrancou a criança de seus braços, perfurou-lhe os pés com um prego, ata-os um ao outro e abandona-o no Monte Cíteron, a fim de aí ser devorado por animais ferozes.

No entanto as Parcas haviam determinado que aquela criança iria crescer e tornar-se adulto. Um pastor de Corinto encontrou-o e pôs-lhe o nome de Édipo por lhe ver os pés deformados com os ferimentos do prego. Levou-o consigo para a cidade onde, na altura se encontrava ao poder o rei Pólipo.

Existe ainda uma outra versão da lenda, segundo a qual Édipo teria sido encarcerado numa arca, ordenado por Laio, que a largassem ao mar. A arca porém teria sido arrastada pela corrente até à costa de Sícion, justamente o local onde Peribeia, mulher do rei Pólipo, se encontrava na praia a vigiar as lavadeiras do palácio. Pólipo e Peribeia não tinham ainda frutos do seu

⁹ Graves, R. (2005). Os Mitos Gregos. Edições Dom Quixote. P.377.

casamento e quando Peribeia encontra a criança a toma em seus braços e simula um parto. Demasiado concentrados no seu trabalho as lavadeiras não se aperceberam de tamanha artimanha e deixaram-se convencer que a criança tinha nascido naquele momento. Quando Pólipo tomou conhecimento, sentiu-se radiante por poder criar Édipo como se fosse seu filho. Édipo foi criado e educado na corte de Pólipo e amava seus pais que tomava como pais Pólipo e Peribeia, como seus verdadeiros pais. Tudo parecia decorrer sobre rodas até ao dia em que Édipo foi insultado por um Coríntio que lhe revelou que o rei Pólipo e sua esposa não eram os seus verdadeiros pais e que fora uma criança encontrada abandonada. Furioso Édipo decide consultar o Oráculo de Delfos e saber toda a verdade. Foi no decorrer desta viagem que se concretiza a antiga previsão. No cruzamento de Pótnias, encontrou o Rei Laio, seu verdadeiro pai, num local em que o caminho era estreito. O Arauto de Laio ordenou-lhe que deixasse o caminho livre e, como Édipo não se apressou a obedecer, abateu um dos seus cavalos. Édipo ficou furioso e matou o arauto e o seu amo, Laio.

Édipo ignorando toda a extensão de seu crime, continuou viagem em direcção a Tebas. Nessa cidade, encontrou-se em presença da Esfinge, monstro que era metade leão e metade mulher e que propunha enigmas aos viajantes, devorando os que não sabiam responder. Édipo resolveu os enigmas e, por despeito, a Esfinge atirou-se dos rochedos e suicidou-se. Reconhecidos os Tebanos elegeram rei, o estrangeiro e deram-lhe em casamento a mulher de Laio, a Jocasta. Mas uma peste abateu-se sobre a cidade e Édipo foi novamente levado a consultar o Oráculo. Este confessou-lhe que a peste não cessaria até que fosse punido o assassino de Laio. Com o passar do tempo Édipo descobriu a verdade e desesperado, cegou-se e Jocasta enforcou-se. A maldição porém ainda não tinha esgotado os seus efeitos que perpetua durante as gerações seguintes.

Na lenda, Édipo só mata o pai por acidente, por desconhecer a verdade, e é pelo mesmo motivo desposa a mãe. Édipo está condenado a viver atormentado, na ignorância de não saber de onde vêm terríveis pragas...de onde ele próprio vem, quem afinal são os seus verdadeiros pais. Parece que no fundo uma parte sua parecia estar a adivinhar a sua sorte...Quando finalmente sabe a verdade cega-se, antes não “ver”, tomar conhecimento, do que saber a verdade e ter que se “ver” todos os dias com o rosto daquele que um dia matou o pai, desposou a mãe, e pior teve filhos com ela. “Édipo não é apenas incestuoso, porque se uniu à mãe, mas também porque colocou a semente onde o pai outrora oferecera a sua”¹⁰. Édipo, mais não é do que uma vítima do desejo de morte do pai, Laio, que o quis ver morto logo à nascença e depois à traição, na estrada onde se cruza com ele. Vítima da ignorância de não saber quem é e de onde vem. Talvez estivesse mais “protegido” se nunca ousasse saber quem é de facto, sem nunca saber a sua verdadeira identidade.

¹⁰ Danziger, C. (2002). *Violência das Famílias – Mal de Amor*. Climepsi Editores. P. 23.

CONCLUSÃO

Os maus-tratos infantis bem como a violência intra familiar não são um fenómeno apenas da actualidade. As primeiras narrativas, histórias, mitos e lendas espelham desde sempre uma parte da natureza humana mais primária que devido a falhas na simbolização e incapacidade de elaboração precisa de agir, muitas vezes sob a forma de crimes horríveis e perversos.

Existe uma tendência para a idealização dos pais, de modo que é difícil, por vezes aceitar que os mesmos possam maltratar ou mesmo, matar os seus filhos. Mas não nos devemos esquecer que esta idealização esconde muitas vezes um objecto de amor persecutório ou abandonónico. A vivência do vazio da perda do objecto de amor, pode ser por vezes tão ou mais dolorosa e assustadora que muitas destas crianças “aceitam” mais facilmente a violência física e psíquica a que estão sujeitas, do que a perder estas más relações objectais, preservando o pouco de bom que nelas encontram.

Sabemos que violência gera violência e que o sofrimento vivido ao longo da infância e da adolescência tende a perpetuar-se na vida destas pessoas e nas suas relações consigo e com os outros, e mais tarde invariavelmente também com os próprios filhos, num ciclo de repetições patológicas que se perpetuam de geração para geração.

O nosso papel como profissionais será sempre que possível ouvir, compreender, acompanhar, dar nome e transformar estes vividos e as suas narrativas em algo diferente com outro sentido. Mostrando acima de tudo, que é possível amar e existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Danziger, C. (2002). *Violência das Famílias – Mal de Amor*. Climepsi Editores.

Graves, R. (2005). *Os Mitos Gregos*. Edições Dom Quixote.

Grimal, P.(2004). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Difusão Editorial, S.A.

Grimal, P. (2005). *A Mitologia Grega*. Publicações Europa-América.

Supino-Viterbo, V. (2005). *A Criança Mal-Amada*. Nova Vega Edições.